

COMENTÁRIOS SOBRE A LIÇÃO DE AGREGAÇÃO DE JOSÉ MARQUES: A ASSISTÊNCIA NO NORTE DE PORTUGAL NOS FINAIS DA IDADE MÉDIA

Dirceu Marchini Neto¹

Resenha de: MARQUES, José. A Assistência no Norte de Portugal nos Finais da Idade Média. In **Revista da Faculdade de Letras**. Série de História. Volume 6, 2ª Série, 1989, pp. 11-93.

Em 1989, o historiador José Marques, catedrático da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, elaborou, como lição, o texto “*A Assistência no Norte de Portugal nos Finais da Idade Média*”, a fim de superar as provas de agregação da citada universidade portuguesa. O resultado disso, além da sua aprovação nas provas, foi a publicação de seu texto na “*Revista da Faculdade de Letras*”. Será este estudo de José Marques o nosso objeto de análise nas próximas linhas deste “comentário crítico”.

Iniciaremos nossa apreciação com um breve resumo e depois citaremos os pontos positivos e as questões que poderiam ter sido mais bem analisadas pelo autor. Comentando a obra “*A Assistência no Norte de Portugal nos Finais da Idade Média*”, apresentaremos ao leitor o caminho para se iniciar ou continuar as pesquisas nesta temática e, por fim, apontaremos alguns aspectos que José Marques poderia ter acrescentado em seu texto, visando um maior entendimento acerca de determinados assuntos.

Para apresentarmos as principais abordagens do artigo de José Marques, é necessário que elogiemos já as primeiras páginas de seu texto, pois o historiador enfatiza que seu estudo é uma lição de síntese, e não uma monografia; faz um apanhado histórico do início da existência do assistencialismo na Europa e em Portugal e explica como se deu a união entre instituições eclesiásticas e assistência. Além disso, Marques se aproveita do conceito de “pobreza” elaborado por Michel Mollat², o que entendemos ser o melhor conceito de pobreza medieval elaborado até os dias atuais; e se lança nos

¹ Professor de cursos de graduação em História e em Direito, Mestre em História pela Universidade do Porto (Portugal) e doutorando em História pela Universidade de Brasília.

² MOLLAT, Michel. *Étude sur l’histoire de la pauvreté: Moyen Age – XVIe Siecle*. Paris: Ed. Sorbonne, 1974.

domínios da História das Mentalidades e da Antropologia Histórica quando, por exemplo, analisa o sofrimento e a vida dos leprosos nas gafarias ou leprosas.

Durante todo o texto, José Marques cita diversos exemplos quando estuda algum tipo específico de instituição assistencial. Assim aconteceu todas as vezes que analisou separadamente os seguintes institutos: mosteiros, mercearias, albergarias, confrarias, hospitais e gafarias. Para cada tipo de instituição, diversos nomes de locais e de pessoas foram citados pelo historiador. E vale ressaltar que no final do texto são apresentadas tabelas e mapas com dados dessas instituições.

Também podemos apontar como excepcional, as conceituações de José Marques para cada tipo de instituição de assistência da Idade Média. As instituições foram definidas uma a uma, e diferenciadas sempre que havia possibilidade de confundi-las.

O autor fez uma análise precisa da assistência desde os pré-benedictinos (ressaltando, no decorrer do texto, os mosteiros que seguiam a regra de São Bento, a qual estipulava ser necessário receber os “pobres” – em sentido lato – como se recebessem o próprio Cristo, tratando-os e dando-lhes o que comer e o que beber) até o sistema moderno das “confrarias da Misericórdia”, onde o rei dirigia e coordenava os projetos, mas quem tinha total liberdade executiva eram os “irmãos” confrades.

Acerca dos poucos aspectos que consideramos passíveis de terem tido um maior detalhamento por parte do autor, um deles é a passagem do texto na qual são citados os arquivos e as fontes documentais relacionadas ao tema “assistência na Idade Média”. José Marques poderia ter acrescentado nesta parte de sua lição todas as fontes relevantes sobre o tema e citado mais arquivos, facilitando assim o caminho para os pesquisadores e interessados pelo assunto. É muito válida sua menção ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ao Arquivo Distrital de Braga e a outros departamentos, porém, seria mais proveitoso um rol maior desses arquivos.

Poderia, também, com maior profundidade, ter sido mais trabalhada a questão da “pobreza voluntária” e seu enquadramento no tema em estudo. Além disso, o historiador poderia, no final do texto, ter apresentado uma visão global sobre a “pobreza” na Europa, assim como apresentou para o território português, após analisar diversos casos isoladamente.

Quanto aos apontamentos dos aspectos que poderiam ser melhorados nesta lição de agregação, paremos por aqui. De 1989 até os dias atuais, mais de vinte anos se passaram. Muitas teses e livros foram publicados com novas abordagens, novas interpretações e até com novos documentos pesquisados; entretanto, é impossível

afirmar que ao menos uma dessas obras posteriores foi escrita sem se orientar pelo estudo e pelas pesquisas de José Marques e de outros historiadores que o precederam (sabemos que já existiam obras de historiadores, como por exemplo, Manuel Sílvio Conde, Maria José Pimenta Ferro Tavares, Manuela Santos Silva, Maria Ângela Godinho Vieira da Rocha, Carlos Alberto Ferreira de Almeida, António Cruz, Magalhães Basto, e outros historiadores portugueses que muito já haviam colaborado com estudos sobre a “assistência” na Idade Média).

Por fim, seria aconselhável que todo pesquisador e historiador da História da Assistência em Portugal, pelo menos com uma rápida leitura, tomasse ciência dos estudos de José Marques sobre o tema. Para os que começam suas pesquisas, esta lição de agregação é leitura essencial, pois indica fontes, conceitos, categorias, explicações, diferenciações, mapas e tabelas, relativos às instituições de assistência no território português durante a época medieval.